

EVIDÊNCIAS DE CRIOLIZAÇÃO ABRUPTA EM KOKÁMA?

Ana Suelly Arruda C. Cabral e
Aryon Dall'Igna Rodrigues (Lab. de Línguas Indígenas/IL/UnB)

1. Introdução

Um caso muito especial de resultado de contato lingüístico na Amazônia Ocidental é o Kokáma ou Omágua, uma língua indígena da qual nem o léxico nem a gramática vêm de uma única língua fonte (Rodrigues 1985). Embora cerca de 60% do seu vocabulário básico seja Tupí-Guaraní, muito provavelmente de origem Tupinambá, a sua gramática é bastante diferente da gramática Tupí-Guaraní, nem é identificável com as das gramáticas das famílias lingüísticas a que pertencem as demais línguas que deixaram elementos no seu léxico (uma ou mais da família Aruák, pelo menos uma da família Pano, e o Quêchua). Há, portanto, evidências lingüísticas de que o Kokáma teria emergido do contato de falantes de línguas de origens genéticas distintas e tipologicamente diferentes em uma situação que teria exigido um meio comum de comunicação, sem que houvesse tempo hábil para que nenhuma das línguas presentes no cenário do contato pudesse ser aprendida por inteiro (Cabral 1995).

Neste trabalho pretendemos aprofundar a discussão já iniciada em Cabral (1995) de que o Kokáma pode ter surgido de uma situação de contato que teria propiciado a emergência de uma língua com características de língua crioula, mas que teria se desenvolvido sem uma fase pidgin, constituindo, dessa forma, uma língua análoga ao que foi chamado por Thomason e Kaufman (1988:48) de crioulo abrupto.

2. O léxico do Kokáma

O que contribuiu para que vários estudiosos concebessem o Kokáma como língua da família lingüística Tupí-Guaraní foi certamente o seu vocabulário básico, que contém um grande número de itens atribuíveis a uma fonte Tupí-Guaraní. Rodrigues (1985), que foi o primeiro a alertar sobre o fato de a fonte da gramática Kokáma não ser a mesma da maioria do seu vocabulário básico, identificou nessa língua palavras e morfemas de origem Aruák que mostram terem falantes de línguas dessa família estado no cenário em que a língua Kokáma se originou. Em Cabral (1995) foi ainda mostrada a existência em Kokáma de empréstimos provenientes de línguas Páno, de variedades do Quêchua, de construções análogas às existentes na Media Lengua, de empréstimos de línguas ainda não identificadas, além de empréstimos do Espanhol e do Português. Alguns exemplos do vocabulário Kokáma são dados a seguir:

Tupí-Guaraní *tujúka* 'terra'; *itáki* 'pedra'; *táta* 'fogo'; *kwarátSi* 'sol, céu, dia ar'; *púa* 'mão/dedo'; *tsúé* 'sangue'; *jáké* 'cabeça'; *kumé!ra* 'língua'; *tSítsa* 'rosto'; *tSítsa kwára* 'olho'; *tsá* 'pelo, folha'; *pé!ta* 'pé, calcanhar'; *ta/é!ra* 'filho de homem'; *taira* 'filha de homem'; *memé!ra* 'filho/filha da mulher'; *ména* 'marido'; *tsáku* 'ser/estar quente'; *irúra* 'inchar'; *apúka* 'rir'; *ikwa* 'saber, conhecer'; *umánu* 'morrer'; *útsu* 'ir'; *japurátSi* 'dançar'; *jaté!ma* 'plantar, enterrar'; *mukújka* 'dois'; *mutsapéré!ka* 'três'; *itáké* 'pedra'; *éte* 'eu fem.'

Quêchua	<i>wáta</i> 'ano'; <i>tsítsa</i> 'flor'; <i>wájna</i> 'mulher'; <i>kuráka</i> 'chefe'; <i>pikúru</i> 'paca'; <i>kótSi</i> 'porco'; <i>atawári</i> 'galinha'; <i>purútu</i> 'feijão'; <i>kamóta</i> 'batata doce'; <i>wawkyra</i> 'bebê'; <i>kamóta</i> 'batata doce'; <i>kikín</i> 'mesmo, idêntico, genuíno'; <i>pítSka</i> 'cinco'; <i>Súnga</i> 'dez'.
Aruák	<i>úni</i> 'água'; <i>úni nóa</i> 'tempo de chuva'; <i>mápa</i> 'abelha'; <i>ta</i> 'eu masc.'; <i>-ta</i> 'causativo'; <i>-ká(ka)</i> 'recíproco'; <i>kanu</i> 'plural'.
Páno	<i>kanáta</i> 'luz'; <i>kanúti</i> 'arco'
Karíb	<i>tSútsu</i> 'mamar' (?)
Línguas não identificadas	<i>púni</i> 'nádegas'; <i>tirin</i> 'barro'; <i>wána</i> 'cunhada'; <i>tapáca</i> 'pacu'; <i>napsára</i> 'homem'; <i>tsámpa</i> 'tanga'; <i>rámpa</i> 'enxada'; <i>jóta</i> 'parede'; <i>kuráta</i> 'beber'; <i>kunitáka</i> 'mexer'; <i>kumítsa</i> 'falar, dizer'; <i>kakýra</i> 'viver'; <i>póka</i> 'quando' <i>matáru</i> 'largatixa'
Língua Geral Amazônica	<i>tSírúra</i> 'roupa' (do Port. <i>ceroulas</i>); <i>wátu</i> 'cesta' (LGA <i>waturá</i>);
Media Lengua	<i>leáSka</i> 'lcr'; <i>regaláSka</i> 'regalar'
Espanhol/ Português	<i>i</i> 'e'; <i>vaporo</i> 'vapor'.

Essa pequena amostra do vocabulário Kokáma, abstraídos os empréstimos da LGA, da Media Lengua, do Espanhol e do Português, os quais só devem ter entrado no Kokáma tardiamente, revela que o seu vocabulário básico (partes do corpo, partes de plantas, elementos da natureza e termos de parentesco) possui elementos de fontes distintas, embora a maioria deles seja de origem Tupí-Guaraní. Por outro lado, vários desses nomes são formas híbridas, como *wawké!ra* 'bebê', da qual podem ser depreendidos dois morfemas. O primeiro vem do Quêchua *wawa* 'criança', e o segundo é TG *ké!ra* 'tenro'.

Outro exemplo de forma híbrida é a palavra *kumé!ra* 'língua', a qual originou-se provavelmente da combinação de duas formas, uma delas a palavra *ku* que é uma das palavras para 'língua' encontrada em línguas da família Tupí-Guaraní e a outra a palavra *mé!ra* de origem não identificada. Nas formas *umanúta* 'matar' e *karúta* 'comer (trans.)' podem ser identificados morfemas TG e Aruák. A primeira resultou do verbo *TG *o-manó* 3-morrer, acrescido do sufixo de origem Aruák *-ta* 'causativo'. A segunda forma originou-se do verbo intransitivo 'comer' do TG e do mesmo sufixo causativo *-ta*.

Há ainda, entre os exemplos dados, o da palavra *pó* que teve como modelo a palavra *-pó* 'mão' do TG, mas que na língua Kokáma passou a significar 'dedo' e 'mão', um fenômeno que, embora não seja exclusivo de línguas surgidas de situações de contato, é mais comumente encontrado em línguas como pidgins e crioulos. Há também palavras TG que sofreram deslocamentos semânticos, como *jatsúka* < TG *i-atselók-a* /R²-garganta-Arg/, que em Kokáma designa 'pescoço'. Finalmente, há vários casos de palavras de origem Tupí-guaraní, que originalmente tinham um significado específico e que em Kokáma passaram a ter significado genérico, como *tujúka* 'terra/areia/chão' < TG *tujúka* 'barro' e *itáké* 'pedra' < TG *itaké!* 'pedra de amolar'.

Um fato relevante para a discussão aqui proposta é o de que, no Kokáma, as palavras de origem Tupí-Guaraní são maioria, o que favorece a hipótese de que uma língua dessa família teria sido, em princípio, a língua alvo da aprendizagem. Contudo, abundam evidências de que essa língua Tupí-Guaraní não foi aprendida perfeitamente, de que outras línguas

também contribuíram na formação do léxico e da gramática, e de que a língua TG presente no cenário em que o Kokáma se originou desapareceu por completo, muito possivelmente por seus falantes originais terem adotado a nova língua surgida do seu contato com falantes de outras línguas.

Evidências adicionais de que uma língua Tupí-Guaraní teria funcionado inicialmente como língua alvo, mas que não teria sido aprendida perfeitamente, podem também ser identificadas na maioria dos verbos Kokáma de origem TG, cujas formas fonológicas contêm vestígios do que teriam sido morfemas flexionais característicos dessa família lingüística. É como se as palavras Tupí-Guaraní tivessem sido adotadas apenas com o significado da raiz, sem que fossem identificados na sua forma fonológica os morfemas que contribuíam com significados gramaticais para a sua atualização em contextos sintáticos específicos. Os exemplos abaixo são indicações disso:

<i>Kokáma</i>	<i>Tupí-Guaraní</i>
<i>útsó</i>	<i>o-tso</i>
<i>'ir</i>	3-ir 'ele foi'
<i>uké!ri</i>	<i>o-kír</i>
'dormir'	3-dormir 'ele dormiu'
<i>umanata</i>	<i>o-manõ</i>
'morrer'	3-morrer 'ele morreu'
<i>upáka</i>	<i>o-pák</i>
'acordar'	3-acordar 'ele acordou'
<i>enúpa</i>	<i>e-i-nupã</i>
'bater'	2-3-bater 'bata nele!'
<i>japitSika</i>	<i>ja-i-pétsék</i>
'pegar'	12-3-pegar 'nós o pegamos'
<i>japura tSéi</i>	<i>ja-poratséj</i>
'dançar'	12-dançar 'nós dançamos'
<i>ujúpi</i>	<i>o-j-upír</i>
'levantar'	3-Refl-levantar 'levantar-se'

3. Evidências adicionais de aprendizagem imperfeita de uma língua Tupí-Guaraní e de mistura de línguas

Uma comparação de fragmentos de dois catecismos, um na versão Omágua e outro na versão Tupinambá, ambos da primeira metade do século XVIII, põe em relevo mais evidências de que uma língua Tupí-Guaraní pode ter funcionado inicialmente como língua alvo da aprendizagem, mas que a mesma não foi aprendida perfeitamente. A comparação também fornece indicações de que essa língua Tupí-Guaraní teria se misturado com línguas geneticamente distintas. Os dados comparados constituem ainda uma importante prova de que o Kokáma se originou antes do início do século XVIII:

OMÁGUA

1) P. maraitupa Dios mura
marai tupa Dios mura
o que Q Deus Enf
onde Deus vive?

2) R. upakatu marainkana mukul yagueketara
upa katu marain kana mukuj yaveketara
tudo Intens coisa Plur Assoc fazerNom
'autor de todas as coisas'

3) P. marapetupa Dios yaguké upakatu marainkana
marai pupé tupa Dios yaveké upakatur marain kana
o que INSTR Deus fazer tudo caso Plur
'com que Deus fez todas as coisas?'

4) R. rakumetsiapupe puray
rat+kumetsia pupé pura ay
3-fala INSTR Enf compl
'por meio de sua fala'

5) P. makatedupa Dios juriti
marai katy tupa Dios yuriti
onde Loc Q Deus vive
onde Deus vive?

6) R. eguatemai ritamakate
ewate mai ritama katy
alto Rel lugar Loc
'no céu'

aikiara tuyuka ritamakate
aikiara tuyuka ritama katy
este 3 terra lugar Loc
'nesta terra'

maripai rayuriti veranu
marai upa aj rat yuriti veranu
coisa tudo Compl 3+ morar ?
'em todas as coisas ele mora'

TUPINAMBÁ

1) P. maápe Tupa
maápe Tupa
o que Q Deus
onde Deus vive?

2) R. opakatu mba'é tetirua mohangára
opa-katu mba'é tetirua o-mohang-ár-a
tudo=Intens coisa quaisquer R-fazer-Nom-Arg
'autor de todas e quaisquer coisas'

3) P. mba'é pupé Tupa opakatu mba'é tetirua oimohangá
mba'é o-pupé Deus opa-katu mba'é tetirua o-mohang
o que R-com Deus tudo=Intens coisa quaisquer 3-P-fazer
'com que Deus fez todas as coisas'

4) R. ife/enga pupé nóte
i-nhe'ng-a o-pupé nó+te
R-falar-Arg R-com só+mesmo
'somente por meio de sua fala'

5) P. mamope Tupa rektow
mamópe Tupa rektow
onde Q Deus R-estar-Inst
'onde Deus vive?'

6) R. ybakipe,
aybakipe
céu-loc
'no céu'

ybype,
yby-pe
terra-loc
'na terra'

noikói mba'é amó sekoabe'yma
n-o-ikó-i mba'é amó s-ekw-áb-e-ym-a
Neg-3-estar-Neg coisa outra R-estar-Nom-Neg-Arg
'não havendo outra coisa ou lugar em que ele não esteja'

Nos exemplos 1) e 3), as duas línguas têm as palavras interrogadas no início da oração, seguidas de uma partícula interrogativa, *típa* em Kokáma e *pe* em Tupinambá. No exemplo 3), as duas línguas exibem a ordem NOME-POSPOSIÇÃO. Note-se que a posposição que expressa o caso instrumental do Kokáma vem da posposição *-pupé* 'instrumentivo' do Tupí-Guaraní. Ainda no exemplo 3), o verbo fazer do Tupinambá é flexionado pelo prefixo nominativo *o-* '3' e pelo prefixo relacional de não contigüidade *i-*: *o-i-monhang* 'ele o fêz'. O Kokáma não possui prefixos pessoais, mas pronomes pessoais que se cliticizam em determinados contextos. No Kokáma há formas pronominais distintas para a fala dos homens (fm) e para a fala das mulheres (ff). Algumas das formas pronominais Kokáma, as de segunda pessoa *éne* '2' e *épe* '23' e a de primeira inclusiva da fala da mulher *ini* têm como fonte o TG (*ené*, *né* '2'; *pe* 'e', *pé* '23'; *jané* '12'), assim como o pronome de terceira *áj*, que vem provavelmente do dêitico TG *a/é* 'esse de que eu falo'. Contudo, as demais formas pronominais vêm de outras fontes, sendo a da primeira pessoa provavelmente Aruák: *ta* '1fm', *tsa* '1ff', *tána* '1pl excl. fm', *pénu* '1pl excl. ff' e *ra-* 3sg 'fm' e *rána* '3pl fm'. Embora as línguas Tupí-Guaraní expressem distinções entre a fala dos homens e a fala das mulheres através de partículas e de certos nomes, essas distinções não têm as proporções observáveis no Kokáma. No Kayabí (TG), em que há distinção de formas pronominais de acordo com o sexo do falante, a distinção só é feita na terceira pessoa, e as suas formas derivam de dêiticos encontrados na maioria das línguas localizadas na Amazônia. No Awetí (Aw), outra língua Tupí que distingue fala de homem de fala de mulher, a distinção é encontrada na primeira e na terceira pessoa e é também observada nas formas de certos advérbios, dos dêiticos espaciais e de uma partícula afirmativa (Monserrat 1975), mas dificilmente as distinções observadas no Kokáma teriam o Awetí como fonte.

O exemplo 2) revela um mesmo padrão sintático [QUANTIFICADOR-NOME-PREDICADO] nas duas línguas, embora o Kokáma difira do Tupinambá em vários pontos, por exemplo: (a) possui um pluralizador de nomes não TG, provavelmente de origem Aruák, mas que pode ser uma adaptação do pluralizador de substantivos do Quêchua *kuna*, ou um cruzamento da forma Aruák com a forma Quêchua; (b) o verbo 'fazer' do Kokáma não é de origem TG, embora o seu sufixo nominalizador de agente tenha tido como modelo um dos alomorfes do sufixo nominalizador de agente TG *-tár*, que ocorre nas línguas da família em temas terminados pela aproximante alveo-palatal /j/.

O exemplo 4) mostra um caso adicional da ordem NOME-POSPOSIÇÃO encontrada tanto em Tupinambá quanto em Tupí-Guaraní, mas também mostra fortes diferenças entre as duas línguas: (a) o Kokáma possui um só verbo *kumítsa* que significa tanto 'falar', quanto 'conversar', 'contar' e 'dizer', que não vem de uma fonte Tupí-Guaraní, enquanto que as línguas dessa família possuem verbos distintos para expressar os quatro significados. O Tupinambá, por exemplo, possui os verbos *-neléN* 'falar', *-moNetá* 'conversar', *-mome/ú* 'contar' e *-lé* 'dizer'.

Nos exemplo 6), o Tupinambá exhibe um nome marcado pelo caso locativo *-pe*, tipicamente TG. Nas construções do Kokáma os nomes se combinam com a posposição *káté*, que, embora venha de uma fonte TG na qual significava 'em direção a', como ocorre nas línguas da família, tornou-se um locativo geral.

Na última linha do exemplo 6) do Tupinambá a primeira instância do verbo 'estar.em.movimento' *-ikó* é negado pelo clítico *n* e pelo sufixo flexional *-i*, a estratégia típica da negação de predicados no 'modo indicativo I' das línguas da família Tupí-Guaraní. O Kokáma não possui essa expressão de negação, apenas duas partículas *téma* e *ni*, a primeira de origem desconhecida e a segunda provável empréstimo do espanhol. A segunda instância do verbo 'estar.em.movimento'

s-eko-ab-elém-a/R² 'estar.em.movimento-Nom-Neg-Arg/ exhibe cinco morfemas, um padrão inexistente no Kokáma que tem no máximo três morfemas por palavra, mas nenhum deles flexional. O Kokáma possui um sufixo derivacional *-éma* que teve como modelo o sufixo *-elém* TG, acompanhado pelo sufixo do caso argumentativo *-a*, mas como pode ser visto na forma do Kokáma, o sufixo *-a* TG foi analisado pelos falantes do Kokáma como parte da palavra.

Esses fatos acerca do Kokáma são evidências a favor da hipótese de que, por um lado uma língua Tupí-Guaraní funcionou inicialmente no cenário do contato como a língua que deveria ser aprendida, e por outro lado, que não houve as circunstâncias adequadas para que fosse aprendida por inteiro.

4. Que tipo de mistura lingüística deu origem ao Kokáma?

O Kokáma não é uma língua Tupí-Guaraní, isto é, não é a continuação de nenhuma língua desta família lingüística, que teria sido passada de geração para geração através de processos normais de transmissão: Todas as evidências lexicais, morfológicas e também fonológicas¹, encontradas até o presente, fundamentam a hipótese de que uma língua TG esteve presente no início da formação do Kokáma, enquanto possível língua alvo de aprendizagem entre indivíduos falantes de línguas geneticamente distintas. Mas a que tipo de resultado lingüístico corresponde o Kokáma? É possível aproximá-lo de um dos tipos conhecidos, ou trata-se de um caso à parte? Thomason e Kaufman (1988) distinguem três tipos principais de línguas que não podem ser classificadas geneticamente: línguas que sofreram empréstimo macivo, pidgins e crioulos. Com respeito ao Kokáma, fica descartada a hipótese de ter havido empréstimo macivo seja de uma língua TG, seja de qualquer outra língua que tenha participado de sua formação, pois nem o léxico, nem a gramática vem de uma mesma língua. A hipótese de que o Kokáma corresponda a um pidgin é também descartada, considerado que a sua gramática não decorre das estruturas das línguas faladas por aqueles que o desenvolveram, o que é uma característica de pidgins, segundo Thomason e Kaufman (1988:178). Esses autores observam também que o contexto social no qual muitos pidgins aparentemente surgiram não fundamentam a hipótese de que a língua fonte do léxico tenha sido uma língua alvo em nenhum sentido sério, e no caso do Kokáma fica claro que, pelo menos inicialmente, uma língua Tupí-Guaraní funcionou como língua alvo.

Thomason e Kaufman apontam também outra característica importante da gênese de pidgins que distancia o Kokáma desse tipo de língua, a de que falantes das línguas fontes do léxico algumas vezes usam deliberadamente uma versão simplificada de suas línguas como um distanciador social. Nestes casos, um aumento na participação destes, durante o processo de desenvolvimento do pidgin não levará à incorporação de elevados números de traços estruturais de suas próprias línguas no pidgin em desenvolvimento, porque eles não estão disponibilizando muitas das estruturas de sua língua para os outros participantes no processo de pidginização (p. 174-175). No caso do Kokáma fica claro que não houve simplificação de uma língua Tupí-Guaraní por parte de seus falantes, pois se esse fosse o caso, não seriam identificados tantos vestígios de morfemas flexionais nas formas fonológicas de nomes, de verbos e de posposições de origem TG. Por outro lado, esses vestígios são fortes indicações de que as palavras TG presentes no Kokáma foram aprendidas imperfeitamente por falantes de outras línguas.

Tomando por base essas ponderações, a gênese do Kokáma não coincidiria com a dos pidgins. Há, entretanto, um tipo de língua do qual o Kokáma pode ser aproximado, que é o dos crioulos abruptos. Thomason e Kaufman propõem que o processo de formação de crioulos

abruptos seja similar ao de pidgins: "membros da nova comunidade de contato fazem conjecturas sobre o que seus interlocutores entenderão, e as conjecturas certas são incorporadas na gramática da língua de contacto em desenvolvimento" (p.174). Entretanto, alertam para a existência de duas importantes diferenças entre a gênese de pidgins e a de crioulos abruptos, que são:

- (1) como os crioulos abruptos são criados para servir como primeira língua a uma comunidade inteira e passa a ser uma necessidade imediata, eles tendem a se cristalizar mais rapidamente do que os pidgins, os quais são necessários (pelo menos inicialmente) apenas para propósitos restritos de comunicação intergrupar;
- (2) a participação significativa de falantes das línguas fontes do léxico não terão necessariamente, no caso dos pidgins, efeitos desproporcionais na gramática do pidgin resultante. Isto significa que o pidgin não necessita de ter uma língua alvo.

Uma razão maior apresentada por Thomason e Kaufman a favor da não necessidade de uma língua alvo no caso dos pidgins é a de que, diferentemente dos crioulos abruptos, cuja maioria surgiu em condições de extrema assimetria social, pidgins de comércio e de grupos trabalhadores geralmente emergem entre falantes de status mais ou menos igual.

O Kokáma possivelmente teve uma gênese análoga à dos crioulos abruptos, embora provavelmente, no contexto social em que se desenvolveu, a diversidade lingüística fosse maior do que a observada nas línguas consideradas por Thomason e Kaufman como os crioulos abruptos, o das ilhas Maurícius e os crioulos caribenhos. Uma outra característica do desenvolvimento do Kokáma que o diferencia não só dos crioulos abruptos, mas também dos pidgins e crioulos em geral, é o fato de que a maioria das línguas que participaram da criação do Kokáma desapareceram, desde cedo, inclusive a língua que inicialmente serviu de língua alvo, de forma que o Kokáma continuou a se desenvolver sem a influência de nenhum modelo lingüístico específico. Outra marca do Kokáma que o torna um tipo mais ainda particular de resultado de contato, é a quantidade de empréstimos de outras línguas, inclusive indo-européias, os quais, embora tenham entrado nele tardiamente, tornam-no com mais traços de mistura lingüística. Em suma, o Kokáma é um resultado muito especial de línguas em contato, não classificável geneticamente, mas que, quando consideradas as características puramente lingüísticas dessa língua, aproxima-se mais dos crioulos abruptos.

Referências

- CABRAL, Ana Sueilly A. C. 1995. *Contact-Induced Language Change in the Western Amazon: The Non-Genetic Origin of the Kokáma Language*, Ph.D. Dissertation, University of Pittsburgh.
- MONSERRAT, R. M. F. 1976. *Prefixos pessoais em Awetí*. Publicações do Museu Nacional, Série Lingüística III, Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- RODRIGUES, A. D. 1985. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28:33-53. São Paulo.
- THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. 1988. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press.

Notas

1 Ver Cabral, 1885 e 2000.